

DO PRIMITIVO

VILEM FLUSSER

II

mas mais novo aquele que nasce mais tarde? Ou será mais novo aquele que nasce mais perto da novidade, isto é, da origem? No caso dos nossos filhos, é obviamente mais novo aquele que nasceu mais recentemente. Mas no caso do "homem primitivo", é ele obviamente mais infantil que nós, e portanto mais novo. E estamos diante do paradoxo de serem os antigos mais novos que os modernos. O paradoxo se explica. Estamos confundindo tempo e cronologia. O primitivo tem algo a ver com o tempo, mas não com a cronologia. E isto é, por si só, uma descoberta.

No primitivo inicia-se um tempo. Um tempo com cronologia própria, diferente da do tempo superado pelo primitivo. Tempo é uma dimensão do mundo. Com a Terra primitiva surge o tempo terrestre, o tempo do dia e da noite, do verão e do inverno, e esta cronologia é completamente diferente do tempo cósmico anterior ao surgir da Terra. Com a vida primitiva surge o tempo vital, o tempo do devorar e do digerir, do amar e do procriar, do nascer e da morte. E esta cronologia é completamente diferente da do tempo terrestre. Podemos, é obvio, reduzir o tempo vital ao tempo terrestre. Mas teremos negado, assim, a originalidade da vida primitiva. Teremos confundido, com efeito, duas realidades. Esta confusão se explica, se assumirmos o ponto de vista da Terra. Do ponto de vista da Terra, não há "vida primitiva". Há, isto sim, diversos processos físicos, químicos e outros, que evoluem com o tempo terrestre, e um dentre esses processos (com efeito um processo especialmente evolucionado) chama-se "vida". O que chamamos de "origem da vida" não passa de um desenvolvimento de tendências já

projetadas no momento da origem da Terra. Recorrendo ao antropomorfismo, podemos dizer que a Terra não reconhece a vida como nova realidade. O próprio conceito "origem da vida" já pressupõe um ponto de vista que se enquadra na nova realidade que é a vida. Não podemos esperar que este conceito seja nutrido por um cristal de quartzo.

Pois para nós, que vivemos, é significativo falarmos em milagre da vida primitiva, embora seja essa expressão totalmente insignificativa, um "nonsense", para os cristais ou para o fiscalismo. E para nós, homens, significativo falarmos em milagre do homem primitivo, embora essa expressão seja "nonsense" para os pernilongos ou para o darwinismo. Finalmente é significativo para nós, ocidentais, falarmos em milagre do cristianismo primitivo, embora essa expressão seja "nonsense" para um Kwakiutl ou para a sociologia.

O que pretendem estes raciocínios? Pretendem mostrar que o termo "primitivo" é significativo apenas dentro de um determinado contexto, de um determinado universo de discurso. E que esse contexto, por sua vez, deve ter-se iniciado naquilo que se chama, significativamente, de "primitivo". Em outras palavras: "primitivo" designa o início de um discurso dentro do mesmo discurso. E esta será considerada a definição do termo "primitivo".

Tanta ginástica mental, dirá o leitor, para formular um truismo? Discordo. Quando se trata de uma tomada de consciência da situação, nenhum esforço mental deve ser desprezado. E a formulação do significado do termo "primitivo" é uma peça indispensável para essa tomada. Com efeito, essa formulação é o ponto de partida para uma possível supera-

ção da situação na qual estamos. A superação é possível somente pela negação radical daquilo que deve ser superado. E "negação radical" significa negação das raízes. A negação radical de uma situação implica na negação do primitivo no qual a situação teve origem. A vida é uma negação radical do mundo da física, porque nega os próprios primordiais desse mundo. O pensamento é uma negação radical do mundo da vida pelas mesmas razões expostas. Se formos negar a nossa situação, devemos ter a mesma radicalidade. E isto exige que saibamos o mais claramente possível a respeito do seu estado primitivo. Discutirei rapidamente as duas negações que tomei por exemplo, para depois considerar a nossa.

A vida nega radicalmente o mundo da física, ao negar a sua estrutura primordial, a sua primitividade. Essa estrutura primordial chama-se "entropia", e é a segunda lei da termodinâmica que a formula. Primitivamente, em sua origem, o mundo da física é um processo irreversível de perda de informação e de oportunidades. De um estágio primordial e primitivo o mundo da física tende para um estágio derradeiro de caos. Com efeito, a entropia é a medida da transformação de cosmos em caos. E' ela o próprio tempo desse mundo. Pois a vida nega esse projeto primitivo. Inverte o projeto. A vida pode ser definida como inversão da entropia. Seres vivos são aqueles nos quais informações e oportunidades aumentam progressivamente. A vida é uma rebelião contra a entropia. E' o mesmo se dá, num nível mais elevado, com o pensamento. O pensamento nega a própria estrutura primordial da vida. Essa estrutura primordial chama-se "morte". Primitivamente, em sua origem, o mundo da vida é um processo irreversível que se dirige rumo à morte. E' a morte do indivíduo, a morte da espécie, e finalmente a morte do reino da vida, que assim volta, qual simples epíclito, para o seio materno do mundo da física com sua entropia. Ao negar radicalmente a vida, desvenda o pensamento a vida como rebelião frustrada contra a entropia. Pois o pensamento é originalmente, primitivamente, um brado do "não" atirado à face da vida. O pensamento é a imortalidade do ser empenhado na conversação sempre crescente. E' ele a própria inversão da vida. O pensamento pode ser ironico da vida, a fim de invertê-la.

Pois bem: a vida surge como negação do mundo da física nas próprias origens primitivas desse mundo, e nisto reside a sua primitividade. E o pensamento surge como negação do mundo da vida nas próprias origens primitivas desse mundo, e nisto reside a sua primitividade. Mas essas negações sucessivas e catastróficas não são aniquilamentos. Na vida o mundo da física é transmutado, mas não definido como um distanciarse aniquilado. No pensamento o mundo da vida é transmutado, mas não aniquilado. E' como

se uma primitividade fosse levada a outro nível para constituir outra primitividade. Não se trata, a meu ver, de um processo hegeliano, no qual forças dialeticamente opostas no mundo da física teriam resultado, por exemplo, em vida. Trata-se muito mais de uma reviravolta intestina, na qual a própria estrutura primitiva de toda uma realidade é reformulada. Trata-se de um salto original, de um "Ursprung".

Seria querer profetizar demais, afirmar que um novo salto cósmico destes está-se preparando. A nossa negação das origens primitivas da nossa realidade não tem, talvez, esta radicalidade. Embora possa parecer que começamos a negar o pensamento na sua própria origem, isto é, como negação da vida, estamos negando, com efeito, apenas o pensamento tal como se originou no cristianismo. Estamos apenas negando o pensamento objetivante. Mas mesmo neste nosso empenho mais limitado (se é que este é o nosso empenho, ou seja, se é que interpreto as tendências atuais corretamente), mesmo assim poderemos alcançar uma nova primitividade somente se conseguirmos abarcar e exaurir a antiga, a que consideramos "superada". Senão, a nossa rebelião terá sido apenas levandade. E para isto precisamos saber o que somos "primitivamente". Antes de saltar, precisamos pelo menos saber, de onde estamos saltando, já que nunca saberemos para onde o estamos fazendo.

A preocupação com o primitivo, a preocupação com as próprias origens, é portanto um passo preliminar para todo novo projeto. Não no sentido de primitivismo, o qual discuti no primeiro artigo. Nem no sentido de um historicismo. Mas, no sentido de ensimesmamento. E' dentro de nós mesmos que devemos procurar nossa origem, nosso Eu primitivo. E devemos procurar com espírito negador, num ato de rebelião contra nós mesmos. Defini o primitivo como o início de um discurso que é significativo apenas nesse mesmo discurso. Pois é neste espírito que devemos procurar o nosso Eu primitivo. Como a raiz do mal que somos. A procura pelo primitivo é a procura das raízes da própria existência, na ansia de superar-se a si mesmo. E' a procura pelo pecado original, para falarmos teologicamente.

Kafka diz que somos todos culpados, pelo simples fato de existirmos, de vivermos, de estarmos pensando. Está ele à procura do primitivo. A procura do pecado original, em alemão "Ursuende", isto é, pecado com o prefixo "ur", do qual falei no primeiro artigo. Mas Kafka rende-se à sua rebelião é sufocada. Devemos dar o próximo passo. Devemos aceitar o fato que o primitivo é sempre pecado. Devemos, por assim dizer, abrir-nos para o pecado. Devemos aceitar este risco. Na esperança daquela sentença misteriosa do Novo Testamento, que trata das crianças. As crianças são o que há de mais primitivo. Saltaram, novas, do colo da origem misteriosa. A psicanálise nos diz que vêm carregadas dos pecados mais hediondos. A teologia cristã talvez o confirme. Mas o Novo Testamento promete-lhes o reino dos céus. Devemos ser como as crianças. Não como as crianças que fomos. Mas como outras. Este é, creio, o significado do termo "primitivo" na circunstância na qual fomos lançados sem termos sido consultados.

Este Suplemento impõe aos artigos que nele são publicados determinadas limitações quanto ao espaço que ocupam. Sabemos que limitações são bem-vindas, e até deliberadamente procuradas por certas correntes em arte. "Grosso modo", é a corrente clássica. O espírito cresce na sua luta contra as imposições da forma. Daí a forma clássica da tragédia, e daí o soneto. No entanto desconfo de uma tendência do espírito que faz com que este se adapte com docilidade à forma imposta. Desconfo que Racine já vivenciava os processos da realidade em cinco atos. Desconfo, porque noto que já vivencio os problemas que sobre nós se precipitam em quatro paginas datilografadas. O ensaio é uma forma literária típica da atualidade. E' típica, por que se situa naquele território de ninguém, deixado vago pelo romance, o tratado filosófico e pelo sermão, que batem, todos, em retirada. Mas é típica também, porque não reconhece limitações de espaço. Ensaio podem ser duas paginas, ou duzentas. Pois, devido a este Suplemento, está surgindo na literatura brasileira o ensaio clássico: o de quatro paginas datilografadas.

De vez em quando o assunto é rebelde. Não quer ser encarado. Será consequência da ampliação do assunto, ou da falta de disciplina do ensaísta? E' que acontece no presente caso. O artigo "Do primitivo" está escrito e enquadrado classicamente. Mas o assunto continua a revolver-se. Será que tais quatro paginas conseguirão domá-lo? O assunto se revela, porque insiste em proamar aos quatro ventos que não foi definido o termo "primitivo", e muito menos esclarecido. "O que é o primitivo?", insiste em perguntar o assunto. Pois limitarei este artigo à tentativa de resposta.

A pergunta é mais complexa do que pode parecer à primeira vista. O ancião é mais primitivo que o recém-nascido, por ser anterior a ele. O recém-nascido é mais primitivo que o ancião, por ser mais novo. A primitividade tem, obviamente, algo a ver com o tempo. E na medida do tempo são os termos "novo" e "velho". Será